



recontado por DELFIN



supergrass
IN IT FOR THE MONEY



Três acordes, variações de ritmo, letras mágicas, escalas sob medida, virtuosismo dos músicos, não importa. They got their mojo working. O disco perfeito exala um tipo de magia que não entra só pelos ouvidos, mas toma sua alma emprestada pelo tempo de algumas faixas. E o pacto de encruzilhada, aqui, é feito citando nomes da cultura pop.

Agora, esse feitiço poderoso transforma-se em literatura. Se um disco pudesse ser convertido em palavras, que história que ele contaria?

Narrativas variadas, com amores, brigas, violência – por vezes tristes como algumas canções ou com o ritmo ágil de um bom rock n´roll – estão espalhadas pela coleção.

Danilo Corci
organizador



VOLUME 4

IN IT FOR THE MONEY

supergrass

recontado por **DELFIN**



VOLUME 4

IN IT FOR THE MONEY

supergrass

MOJO BOOKS é a divisão literária da Revista Speculum

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

projeto gráfico e diagramação **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Dezembro de 2006

NESSA PELA GRANA

O que importa não é o que sou: é o que sei. E sei de muitas coisas, principalmente o que sinto. Tudo o que ouço é ela. Tudo o que eu vejo é nosso amor. Não me basta mais nada para seguir em frente. Não sou como você.

Você é o covarde, o frustrado, o que quer sempre desistir. Não consegue se focar em qualquer sentimento mais puro e tenta sempre cair fora. Como se deixar tudo para trás deixasse o seu passado longe. Mas ele te segue, cara, e segue como uma sombra persistente, daquelas que crescem quando o sol golpeia o céu.

Você tem essa mania tremenda de tentar me convencer de que eu estou errado. Eu não estou, minha cabeça está feita, sei o que me espera. Se quer fugir, que fuja, mas isso não é mesmo uma opção. No fim, você só vai achar o que sempre achei: o caminho para casa.

Você tem um trunfo no bolso, meu irmão. No meu há um sentimento, e eu o ouço baixinho, soando a cada vez que dou um passo; minha consciência certa reforçando o meu amor. Você acha que vai me salvar da queda. Mas você sabe que é errado cair.



Por isso estou em pé e, claro, você está caído, Teo. Não consegue entender que o mundo é frágil e que nele há uma bomba imensa, prestes a explodir o que há de errado.

E o dedo no botão é o meu, cara.

Mas também estou na outra mão. Ela está estendida para te redimir. Você só não encontrou ainda essa paixão, o seu verdadeiro amor. Não quer acreditar.

– Sim, eu quero.

Então por que não pega a minha mão, Teo?

– Porque não sei se o amor me basta — diz o garoto, tentando escutar melhor o som baixinho que o outro conhece bem, o pequeno tilintar misturado às vozes que insistem em soar dentro da sua cabeça.



RICARDO III

– Meu reino por este cavalo!

Ela era melodramática. E estava sem um tostão para pagar as contas, mas arranjou o suficiente para uma aposta suicida no hipódromo municipal. A frase, pra piorar, ainda era bem errada: não apostou na cabeça. Fez, sim, uma bela trifeta no quarto páreo, uma barbada. Sabia que a grana ia empatar, mas era tudo o que ela queria. Pra pegar confiança. Assim, a grana rolava, ela vencia, o lucro era zero, mas então ela poderia desconcertar a todos os presentes e apostar na quadrifeta mais azarona da noite, no penúltimo páreo. Foi o que fez; estava lá, para quem quisesse ver, pela ordem decrescente: De La Pole, Titulus Regius, Gloucester e, ponteando, Ricardo III.

O percurso estava difícil para os cavalos. Se Jenifer fosse um cavalo, não correria naquele trajeto comprometido pela chuva que castigara a cidade por três dias. Hoje fez sol, mas ainda não era suficiente para uma corrida bonita. Podia acontecer qualquer coisa. Inclusive o que vinha acontecendo até o momento do início de seu arriscado páreo: nenhuma surpresa e prêmios mixurucas



para absolutamente todos.

Outra coisa que Jenifer não sabia era que a sua aposta — e isso talvez fosse o destino — reunia elementos que foram importantes para a vida inglesa. Não tinha idéia que sua frase melodramática, recém-proferida no início de seu páreo arriscado, também fazia referência ao vencedor que está registrado em seu bilhete.

– Pega eles, pega eles!

Ela quis fugir dali, a expectativa era insuportável. Quase paranóia. Estava cansada de sempre apanhar, de tudo dar errado, de ter sempre aprender com esses erros. Ninguém mais confiava em Jen, justamente por ser tudo o que as pessoas sempre ouviam falar dela. Aceitar tal condição ainda é a coisa mais difícil. Eis porque estava lá, sozinha e jogando alto, outra vez.

— Vai! — ela diz quando cruzam o disco final e o resultado oficial demora a aparecer nos monitores.

Ela esperou, paciente. A chegada foi muito embolada e, por dois minutos, era tudo o que sabia. A única certeza era de que seus quatro cavalos estavam no meio daquele bolo. Ficou muda de apreensão e, com o resultado final, não havia nada a dizer. Todos olhavam admirados, rasgando papéis e inutilizando pedaços de augúrios inúteis quando a grande zebra se configurou. Todos menos Jenifer, que esperou o início do último páreo para,



discretamente, pegar seu dinheiro e sair de lá.

Contou tudo no táxi, sem que o motorista visse o que ela tanto mexia em sua bolsa. Eram algumas dezenas de milhares em dinheiro, mas, em seu desespero, era como se tivesse um milhão. Parou em casa, guardou a maior parte da bolada e, cinco minutos depois, decidiu que precisava comemorar longe dali.



IN IT FOR
THE MONEY

ESTA NOITE

Pra pensar ou fugir, ela sempre precisa ir pra um bar. Com música e gente. Ficou uma hora por lá até perceber a gata. A garota estava na festa muito agitada. Analisei bem e decretou que ela devia ter tomado um quarto. A euforia era característica. E eu, bem cara-de-pau.

— Veio ver a banda?

— Quando?

— Agora. Não sabia?

Ela sorriu um sorriso débil, feliz e encantador. Era alguém assim que eu precisava ver esta noite.

— Quer ir à festa?

— Eu já tô numa festa. Eu sou a porra duma festa!

E saiu gritando e girando, certamente atrapalhando o vocalista quase playmobil da bandinha que tentava espernear um sucesso alheio para cativar um público ausente. Eu observava o papelão do alto da minha sobriedade. Mas uns carinhas, bem mais espertos do que ela, perceberam que dava pra tirar uma casquinha. Não sei se é alguma coisa estúpida dentro de mim,



como auto flagelação, ou se é carácter mesmo. Isso explicaria por que eu saí voando pra cima de dois boyzinhos. Ela parou de girar e ficou aparvalhada, joelhos dobrados, enquanto eu metia uns murros desajeitados e tomava uns bem dados. Uma luta épica, que o segurança interrompeu depois de uns vinte segundos.

Ela me seguiu pra fora do lugar depois que fui gentilmente expulso.

— Você falou de uma festa?

— É, falei sim.

Eu sabia que seria procurado mais tarde, mas isso tinha de esperar.

— Eu sou o Teo.

— E essa festa, Teo, é quando?

Sei lá que monstro eu sou pra me aproveitar de alguém assim.

— Agora mesmo. Lá.

Tem um jeito fácil de saber.



TARDE DO DIA

Eu me pego pensando em você agora, quando acordo. Ouço o que você me diz, o que eu digo, e sei que você não está aqui. Pois o tempo em que penso em você, eu percebo, sinto o seu amor longe do meu. As pessoas não pensam em nós dois juntos. Sou só um vagal, um vagabundo que acorda tarde, pensando em coisas como eu e você.

Riem de nós, mas riem de mim. Você é desejada pela maioria dos homens que a conhecem. Para eles, sou só mais um. Mas eu acredito mais que eles e, tenho certeza, você vai dormir um dia nos meus braços e vai acordar como eu faço sempre. Com preguiça. Com importância. Tarde do dia.

Mais um gole para pensar melhor. Teo sumiu e não pude conversar sobre você de novo. Ele quer entender, mas é uma panela de pressão e pode querer fugir de novo. Sumir. Sempre me pego sonhando com Teo fugindo. E você sempre está com ele, enquanto acordo sozinho, com pessoas tirando onda de mim, passando ao meu lado e me negando companhia, que mendigo enquanto minha cabeça mareia indolente.



Te escrevo em papéis, faço planos para te conquistar. Você é tudo o que ouço. É o que faço todas as noites, todos os dias, a caminho de casa, no meio da estrada, deitado na cama. Tudo o que vejo é o nosso amor.



IN IT FOR
THE MONEY

CANÇÃO EM SOL

- 
- Quer um?
 - Já tomei isso. Está tarde?
 - Tá cedo. Não quer mesmo?
 - Quero, sim.

 - Olha, eu tô andando no facho da luz.
 - Eu tô vendo.
 - Não apaga.
 - Não vou apagar.
 - uuuuUUUHHh
 - Eu vou também.
 - NÃO!
 - Por quê?
 - Senão a luz cai e a gente se espatifa.
 - No chão?
 - No céu!

- Quer um?
- Mais um?
- Peguei do mané que me socou a cara.
- Hehe.
- Deixou cair no chão. Catei.

— Que tanto você olha pra isso?
— Parece um Mickey.
— Olha bem. São dois círculos menores grudados num maior.

- Parece um Mickey.
- Vê bem, ó. É uma molécula de água.
- Parece um Mickey.

- Minha foto.
- Tá bonita.
- Eu sou bonita?
- Tá mais bonita na foto.
- Eu sou encrenca.
- Tu é linda.
- Fica com ela.
- Quer um?





- Fica comigo?

- Que horas são?
- Tá cedo. Quer um?
- A gente não tá bem.
- Eu tô ótimo. Quer subir a escada?
- Quer me comer de novo?

- Você me deixou feliz.
- Tu é bonita.
- Você me ama?

- Quero um.
- A gente tá bem?
- Amanhã.
- Talvez.

- Acorda, gata.

- Acorda, gata.

- Gata?

O SOL GOLPEIA O CÉU

— 2cc de fentanil.

— Quando foi?

— Não tenho noção, parece que faz muito tempo.

— Droga?

— Eu não sei se --

— Fala logo, idiota! Isto aqui é overdose?

— É.

— Esquece o fentanil. Aplica uma ampola de nalosona.

— Tu é médico faz tempo já? Tá com cara de plantonista estagiá --

— Calaboca, moleque. Teu nome.

— Teo.

— Esse é o nome mesmo?

— Teodoro.

— Seguinte, Teodoro, cai fora daqui. Tu deu isso pra ela?

— Mas foi só pra --

— Essa garota não tá mais respirando, cara. Tu foi muito rápi-



do de ligar pros bombeiros. Mas não quero ver a tua fuça aqui.

— Mas eu amo essa garota.

— Ama?

— Amo.

— Então me diz o nome dela, Romeu, que preciso avisar a família.

— Nome?

— Isso que dá pegar o que é dos outros.

Olho bem para a cara do sujeito. Ele lembra, vagamente, alguém em quem resolvi bater recentemente.

— Os meganhas tão na porta. Eu preciso entrar na sala e dar um jeito nesta merda.

— Tu é a porra de um estagiário.

O boyzinho entra e tento andar pra algum lugar que indique uma saída dos fundos. Odeio hospitalzinho metido. Ainda mais a essa hora. Sol a pino, olho dói. Não dá pra ficar quieto, preciso resolver essa parada com o estagiariozinho. Mas a polícia tá em todo canto. Não faço idéia do que fazer até a enfermeira olhar torto pra mim e me apontar o dedo. Daí só tinha uns cem metros, uma grade e uns sacos com aviso de lixo hospitalar contagioso.



SAINDO FORA

– Jericó!

Ouço ela me chamar com sua voz doce e o som admirável do metal. Ela chama o meu nome. Ela é tudo o que ouço. Sussurra na minha cabeça, fala onde estará. Pede que eu leia nos jornais, que descubra sobre ela, que perceba as suas pistas subliminares. Pede que eu entenda como eu devo, finalmente, conquistá-la.

— Jericó!

Ela me diz que tudo de que eu preciso e o que devo saber está lá, nos jornais. Tudo, mas não devo me prender a eles. Aprender a lição, essa é a solução para o enigma. Devo aprender a liberdade dos jornais, o livre-pensar de cada página, a versão livre dos fatos que cada matéria traz para mim.

— Ô, Jericó!

Meu amor diz que tudo o que preciso fazer, então, é ir, chegar a ela. Escolher entre ficar em meu lar ou apostar no meu amor. Ou sair. Mas não é uma saída covarde? Sem coragem alguma, como conquistá-la? Sendo covarde, como o Teo?

— **Cara!**



Na janela.

— Teo?

— Meu, me ajuda. Preciso cair fora daqui, rápido!

— Eu já disse que não adianta fugir, cara.

— E se eu te disser que matei o amor?



NÃO SOU EU

Eu tento explicar as coisas para o Jericó.

Ele não quer entender muito bem.

Eu argumento que não estou bem, não estou em mim.

Ele insiste em saber detalhes sobre quem matei.

Eu digo que não a conhecia.

Eu também sinto seu tom de voz grave.

Algo está muito errado.

— Você pode ter matado minha chance. Estou sentindo isso.

Jericó sente muito bem.

— Na verdade, eu sei que você fez merda.

— Quer ver a foto dela?

— Você tem?

— Ela me deu.

Começa a anoitecer e a conversa vai longe. Depois, miando, até o silêncio tomar conta dos espaços entre as frases. Um papo perdido sobre o amor à deriva.

— Ela parecia estar muito feliz, sabe?



- Ela é bonita.
- Achei tão perdida.
- E agora você está pensando no que perdeu.
- Quando você vai achar o seu?
- Ela me disse que vou descobrir nos jornais.
- Liga a tevê, então.

O noticiário começa. Odeio jornal regional. Só jornalista em fim de carreira ou alpinista profissional. Pior que isso, só menina do tempo em telejornal nacional.

A gente estava quase dormindo quando a foto dela apareceu na tela.

Viva por aparelhos.

Seu nome é Jenifer e a polícia tem uma teoria.

Sobre mim.

Dizem que eu queria a grana alta que ela ganhou no jôquei na noite em que eu a conheci.

A polícia descobre rápido as coisas quando tem grana na parada.

Jericó olha para mim com muito ódio.

Tudo o que Jericó ouve é ela.

TACANHO

Eu o levantei e puxei pra perto de mim. Nunca acreditei em violência. Mas acredito em justiça. Se esse covarde tivesse conseguido matar essa garota, talvez eu perdesse a grande chance de finalmente encontrar o meu amor. Um amor verdadeiro é único, e pode ser esta a minha grande chance. Segui suas pistas até aqui. Vendo um lado das coisas que ninguém nunca viu.

Largo o moleque desmaiado no chão batido. Arrumo minhas coisas. Ponho as roupas boas, não as que uso na rua. Coloco aquelas que guardei para este dia, para causar boa impressão, para usar quando soubesse que iria ao encontro da minha crença. Minha vida. Aquela que eu seguia procurando. Minha vida. E preciso de alguém por perto.

Ela é aquela que vive. Ela é aquela que foi consumida. Ela é aquela que está consumada. Aquela que eu preciso ter por perto. Quebrada no meio de mentiras. Alguém tentará me impedir. Minha cabeça está feita, eu sei o que me espera. Sou só um vagabundo.

Sinto o seu amor longe do meu.



VOCÊ PODE ME VER

Olá, eu sou a Jenifer. Você pode me ter. Você pode me ver na tevê, basta discar o número da operadora e seu código. Estou sempre conectada. Você pode me chamar, você pode me ouvir. Estou sozinha, você pode me buscar.

Quando você quiser, venha, me veja e me leve embora. Mas espere: além disso, você pode me contar a sua história. Você pode me chamar. Eu posso te ouvir. vinte e quatro horas por dia. Eu estou sozinha. Eu não estou mesmo sozinha.

Quando todo mundo estiver dormindo, à noitinha, me procure. Me ligue. vinte e quatro horas por dia. Você pode me ter. Eu posso te ouvir. Você pode se deitar comigo. Eu não sou fácil. Eu sou a Jenifer. Olá. Basta discar o número da operadora e seu código. Conte sua história para mim. Você pode me ver na tevê. Todos são loucos. Não você. Eu posso te ouvir.

Você pode me contar. Não estou realmente sozinha. Você pode me ouvir em qualquer lugar. Estou sozinha. Você pode me buscar.

Não tente me agradar. Fique na linha. Estou na linha. Não



vão me tirar da linha. vinte e quatro horas por dia. Estou sempre conectada. Eu sou a Jenifer.



IN IT FOR
THE MONEY

PEQUENO REINO VAZIO

Ninguém da família dela apareceu. Nem com a notícia da bolada que recebeu. Nenhum amigo. A enfermeira acreditou quando eu disse ser noivo dela. Hospital de segunda. Botou fé nas roupas, no sapato lustrado, no terno bacana. Nem ligou para o cabelo ensebado e a barba comprida e desalinhada. Mostrou o quarto e disse para fazer silêncio, que ela estava dormindo e em recuperação. Esperei a mulher se afastar e entrei.

Com Jenifer à minha frente, foi como se eu tivesse me cansado de pensar as coisas que pensava, de conversar com a minha cabeça. É o amor, à minha frente, do meu olho para a minha cabeça.

Seus olhos estão fechados, mas eu os imagino, dourados, acobreados, alegres, reluzentes. Vamos poder viajar, curtir outros ares, vento no cabelo, clima ameno, sair deste inferno. Algum dia.

Quando eu me importar:

— Quem é você?

A voz é sussurrada.

— Estou aqui por causa do amor.

Jenifer, fodida, mal-amada, envelhecida ainda jovem, ainda grogue, ouviu aquilo com estranheza.

— Como você pode amar alguém que nem conhece?

Eu nunca fui tão sincero.

— Eu sei o que desejo desde criança. Não sabia que rosto teria, não sabia como seria, mas você é a resposta. Você é meu caminho para o amor.

A tola, encantada, dá um sorriso meloso e, se eu fizer tudo direito, vai me dar o que eu quero. O amor, o amor que pertence a ela. Que está guardado em algum lugar. Um lugar que vou descobrir. Tudo o que eu vejo é nosso amor. Ouço seu tilintar suave na minha cabeça.

Tudo o que eu ouço é a grana.



ÀS VEZES TE DEIXO TRISTE

— Cala a boca!

Entro rasgando pela porta e dou um murro no Jericó.

Esse palhaço quer da grana dessa garota, tenho certeza. É tudo que ele sempre quis, se dar bem. Dane-se que é o meu irmão. Dessa vez, não. Tu já fodeu muita gente com esse seu papinho de amor e grana.

Eu e você, inclusive.

Tranco a porta rápido. Aquela enfermeira me reconheceu, eu sei. Deve estar chamando a polícia. Saco, eu devia ter fugido quando pude. Mas não, tinha de oferecer uma chance pro irmão, pra cidade. Tinha de querer dar uma de bacana e meter essa coitada no meu rolo de vida.

— Oi.

— Você tá acordada?

— Tô.

E eu confesso que nunca ninguém me olhou daquele jeito antes. Como quando criança olha cachorrinho bebê.

— A festa foi boa, né?

— Foi, né?

Saca, Jericó? Queria só voltar a ser moleque, gastar meu tempo sozinho. Você cuidando das pessoas, eu na minha. Eu fico ouvindo essas moedinhas na cabeça, coisa tua isso. Mas é o som da sanidade. Ouço isso, lembro de você e entendo que eu quero mesmo é ser diferente.

— Veio por minha causa, Teo?

— Vim te tirar dessa.

— Eu de princesa e você de príncipe? Que bonito!

E a menina me sorri e não se liga que eu não sei mesmo o nome dela, só descobri assistindo o jornal. Vendo isso, nós três neste quarto, o mundo de repente parece um lugar normal. É aí que eu percebo que ainda não tô inteiro da nossa festa. A minha mente viaja e volta. O sol golpeia o céu, o céu manda o golpe de volta e o sol manda o impacto para mim, que brilho completo.

Começam a espancar a porta.

— Você vai me tirar daqui?

Eu devia me lixar pra isso, tirar esses tubinhos e essas cortininhas e te levar daqui. Mas não tem nada lá fora.

— Fecha os olhos, gata.

Eu tiro as cortininhas, pego uma. Meto em seu rosto. Até ela parar de se debater. Vão arrombar a porta daqui a pouco. Ela



pára. Tiro a cortina e o olho dela é bonito, ainda aberto, ainda castanho bonito.

Mando às favas isso de amor. A porta é arrombada, vejo o polícia troglodita apontando para mim o seu revólver e ouço, na minha cabeça, o mundo todo me dizer sua verdade. Jenifer, menina, mulher, garotas, lá fora o seu reino encantado é pequeno e vazio. Não tem mesmo nada lá.



FIM



IN IT FOR
THE MONEY

SOBRE A BANDA:

Supergrass é, talvez, o grupo que melhor transpôs a fase britpop da música inglesa. Surgida no auge deste movimento, a banda composta pelos irmãos Gaz (vocalista/guitarra) e Rob Coombes (teclados), além de Danny Goffey (bateria/voz) e Mick Quinn (baixo/voz), alcançou sucesso imediato com seu disco de estréia, 'I Should Coco'. Associados ao movimento Cool Britannia e bombardeados pela mídia, resolveram romper com tudo isso e partir para o ousado 'In it for the money', mais sombrio e irônico que o álbum precedente, largamente incensado pela crítica e que consolidou um público cativo. A partir daí, o Supergrass ganhou identidade própria e, desde então, acumula sons e experiências novas a cada disco. Entre seus sucessos, destacam-se 'Alright', 'Pumping on your stereo', 'Moving' e 'Going out'.

CRÉDITOS ORIGINAIS:

In It For the Money - Supergrass

Fotografia da capa original por James Fry

Design original por The Designers Republic

Lançado em 6 de maio de 1997

Selo: EMI Music (UK) Ltd

Produzido por Supergrass & John Cornfield.

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.supergrass.com

SOBRE O AUTOR:

Delfin é designer gráfico e jornalista especializado em histórias em quadrinhos. Colaborou com os jornais *Correio Popular* e *O Globo*; as revistas *Zero*, *Semana 3* e *Jovem Pan*; e os sites Universo HQ, Mundo HQ, Cosmo Online e Overmundo. Também é escritor e co-fundou, em 2004, a cooperativa de autores Edições K. É autor de dois livros e, em breve, lançará seu primeiro romance, *Desmorto*, pela sua editora, Paradoxo Editorial.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- * copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- * criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

* Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

4 IN IT FOR THE MONEY

SUPERGRASS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. IN IT FOR THE MONEY
2. RICHARD III
3. TONIGHT
4. LATE IN THE DAY
5. G-SONG
6. SUN HITS THE SKY
7. GOING OUT
8. IT'S NOT ME
9. CHEAPSKATE
10. YOU CAN SEE ME
11. LITTLE HOLLOW REIGN
12. SOMETIMES I MAKE YOU SAD

